

Resenha do livro: CANDIDO, Maria Regina [org.] **Mulheres na Antiguidade: Novas Perspectivas e Abordagens**. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora – DG Ltda., 2012.

Fabiana Ferreira Rocha <sup>1</sup>

O livro *Mulheres na Antiguidade: Novas perspectivas e abordagens*, reúne uma compilação de artigos sobre o papel da mulher e sua presença na antiguidade, entre outros enfoques sobre o tema como as relações de gêneros, a arqueologia de gênero, análises sobre diversos personagens femininos sob a ótica de diferentes autores da antiguidade, entre outros. Os textos foram reunidos e organizados por Maria Regina Cândido, Professora Associada de História Antiga na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Professora dos programas de Pós-Graduação PPGH/UERJ e PPGHC/UFRJ.

Entre os diversos textos de diferentes autores, a figura da mulher na antiguidade é tema de estudo e análise a fim de desvincular a imagem popularmente difundida da mulher da Grécia antiga, alijada da sociedade, como representação da figura feminina na antiguidade.

Entre os estudos apresentados estão análises de personagens conhecidas como Cassandra de Ésquilo, sob a ótica do Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima, que aponta os diversos papéis da personagem na sociedade da Grécia Antiga, desde a virgem castigada por Apolo por preferir manter sua castidade, passando por concubina, e terminando como a mulher causadora da inveja de Clitemnestra, por sua inteligência e astúcia (p. 32).

No artigo da Profa Dra. Adriene Baron Tacla, podemos encontrar uma síntese analítica sobre a profetiza de Vix e seu túmulo com riquezas dedicadas a sua popularidade política e social, contrariando a ideia popular de alijamento.

Podemos citar também o estudo da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Teresa Marques Gonçalves e da Profa. Tatielly Fernandes Silva sobre a representação da figura de Helena de Tróia, de Eurípedes, que mesmo longe de ser um de-

---

<sup>2</sup> Graduando em História da Universidade Sagrado Coração de Bauru. Resenha realizada sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lourdes Conde Feitosa.

fensor do gênero feminino, sempre intitulava uma mulher como protagonista. Helena teria sido amaldiçoada por sua beleza, porém, mesmo sob a opressão sofrida por representar uma mulher da Grécia Antiga, assim como Cassandra, transita entre os pólos opostos da tristeza da maldição dos deuses até a virtude de mulher honrada de acordo com o contexto da época. As autoras também citam a figura feminina de Pandora, cuja astúcia (tida aqui num sentido pejorativo, já que a serenidade e submissão eram qualidades em uma mulher da antiguidade) levou-a a abrir a caixa de todos os males do mundo, condenando o homem a conviver com esses males para toda eternidade. Pandora representa a Eva da Grécia Antiga, ou seja, a mulher que toma uma atitude por si só, sem a vigilância de um homem, e que por isso causou os piores males do mundo (p. 57).

Ainda sobre a Grécia Antiga, o Prof. Dr. Daniel Ogden traz, em seu artigo, uma abordagem sobre Medeia, a feiticeira encantadora de serpentes que também é encontrada em contextos opostos, entre uma bruxa, hora protegida por serpentes, hora protegendo e ensinando soldados a se protegerem delas. Medeia é comparada pelo autor a Atena, a deusa que também foi representada ao lado de serpentes que a defendiam, entretanto lutara para defender-se delas (p. 58). Segundo o autor, Medeia representa o antagonismo entre a mulher cruel e vingativa e a mulher com alguma virtude, que se preocupa com o homem. A dedicação à figura masculina era considerada uma virtude para a mulher da antiguidade.

Entre as quarenta e nove mulheres citadas por Tácito em seus escritos, o Prof. Dr. Fábio Faversani e a Profa Sarah F. L. Azevedo analisam, principalmente, o papel da mulher matrona, fora do contexto ideal, porém admirada por estar sempre ligada a uma figura masculina, geralmente o filho, pelo qual seria capaz de fazer tudo para levá-lo ao poder (p. 124). Como exemplo Agripina fez de tudo para que seu filho Nero chegasse ao poder. Novamente a mulher é representada por pontos opostos entre uma figura negativa e a figura honrada, na qual a honrada está ligada aos cuidados, preocupação e dedicação a uma figura masculina.

O artigo do Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira teve como fonte achados arqueológicos. Esses documentos são especificamente entalhamentos e pinturas que retratam mulheres harpistas encontradas em vasos. Através do estudo textual e a análise de imagens, o autor aponta que na Grécia Antiga a harpa era considerada um instrumento ligado ao feminino (p. 152), e que era popular tanto entre as cortesãs, que o usavam como agrado aos homens na hora do ato sexual, quanto entre as mulheres da alta sociedade. Como já abordado anteriormente, a mulher da antiguidade geralmente é citada ligada à figura masculina.

No estudo sobre a presença feminina no Egito antigo, os autores Prof. Mestrando Gregory da Silva Balthazar e Prof.<sup>a</sup> Doutoranda Liliane

Cristina Coelho, através do estudo e análise de papiros, apontam novamente a presença de pontos opostos entre a mulher ideal e virtuosa e a mulher como um exemplo a não ser seguido. No que foi chamado de *literatura fantástica* por Emanuel Araújo (2000: 53-570) personagens mulheres que mentiram e traíram sexualmente seus esposos, foram punidas não só moralmente como fisicamente. Esse tipo de abordagem reafirma a hipótese de que a história era contada como uma espécie de aviso para que as mulheres tivessem o que era definido com um comportamento exemplar na época. A mulher ideal para o feminino egípcio era a mulher provedora, mãe, que passa pelas dores do parto para dar continuidade à família (p. 164).

O autor também cita características diferenciadas dos poemas de amor femininos, onde a mulher apaixonada antes do casamento tinha uma espécie de amor velado e platônico, prejudicando seus afazeres diários por pensar o tempo todo no amado, o que afirma um tom sensível ao cotidiano feminino no Egito antigo.

O artigo do Prof. Dr. Julio Gralha, dividido entre sub-temas que apontam as figuras egípcias da senhora de casa, das deusas, mulheres divinas, e mulheres monarcas da realeza, afirma a notável posição de destaque dos homens em relação às mulheres no Egito antigo, também indica o poder denotado às mulheres. Nas inscrições encontradas, a descendência da família é dada sempre pela mãe, o que hoje chamamos de sobrenome, era derivado do nome da mãe (p. 191) e isso se dava tanto às donas de casa como às monarcas. O autor defende que havia determinada liberdade na escolha do parceiro, ainda que existisse o casamento por arranjo, e relata que havia a possibilidade de divórcio, por adultério ou pela não compatibilidade. A parte repudiada no matrimônio recebia uma compensação, que no caso da mulher, podia ser um terço das propriedades do marido, mais as penalidades do divórcio. Uma cláusula comum parece ser uma espécie de dote para a noiva em função da perda da virgindade (p. 193). Entre as atividades cotidianas da mulher do Egito antigo estavam: cuidar do lar de dos filhos, “sair para fazer compras”, e mesmo com uma vida administrada pelo marido, a mulher podia ser proprietária de terras.

Em sua análise sobre os gêneros na sociedade romana, a Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lourdes Conde Feitosa aponta que através da reelaboração do significado de cultura, gerou-se o anseio pela “*história de gente sem história*” (p. 203) dando enfoque a grupos anteriormente excluídos pela historiografia; e aponta que ao contrário do que é popularmente conhecido, não existia um único povo romano, como uma unificação de cultura, sociedade e política, mas sim povos romanos, cada qual com suas particularidades, individuais e coletivas.

Com a nova historiografia e as discussões feministas do século XX, encontramos estudos que possibilitaram agregar o papel da mulher

na sociedade em geral. Na História Antiga Romana, a nova historiografia repensa conceitos de público e privado. O novo conceito do estudo de gêneros aborda a relação de gêneros, que vai muito além do papel feminino ou masculino por diferenciação biológica, compreendendo o feminino e o masculino na sociedade, em suas relações sexo-afetivas, no trabalho, educação, como resultado não apenas da coleta de informações, mas sim em como elas são estudadas de maneira coletiva e conjunta, na pluralidade e seus variados agentes, masculinos e femininos, a partir de seus valores, conceitos, visões e espaços sociais, e como formulam múltiplos vínculos, comportamentos, atitudes e embates em suas relações sociais: o que possibilita compreendermos as experiências humanas, do passado e do presente, de modo complexo, heterogêneo e vibrante (ps. 215-216)

Entre os artigos quem compõem o livro, três são escritos na língua espanhola, pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cecília Colombani, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Vasquez Hoys, e pelo Prof. Dr. Victor Hugo Méndez Aguirre, trazendo análises sobre temas como o fantasma da rainha Asíria, Artemisa: Igualdade e alteridade no rosto de uma deusa e a Mulher cidadã na Atenas de Platão.

O tema Mulheres no mundo mulçumano foi abordado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Carmo Parente Santos, no qual, através da análise da oposição entre cristãos e muçulmanos e da vida das diversas esposas do Profeta Maomé, a autora cita a poligamia, permitida entre os mulçumanos, como um dos fatos instigadores do repúdio à mulher. Embora a mulher vivesse enclausurada e não dispusesse livremente de seu corpo, podia comerciar e dispor de seus bens (p. 252). Como exemplo, a autora cita a primeira esposa do Profeta Maomé, que como viúva havia enriquecido através da atividade comercial. A autora também oferece uma reflexão sobre a ideia de que todos os homens mulçumanos desprezassem as mulheres, tratando-as com crueldade, apontando que essa ideia deve ser repensada. Como exemplo de respeito à figura feminina, a autora cita o caso de uma conspiração para matar Maomé. Quando os jovens reuniram-se em frente à casa de Maomé e já estavam preparados para matá-lo, ouviram a voz de sua esposa e suas filhas, e por considerarem um ato vergonhoso matar um homem na frente de suas mulheres, decidiram esperar um momento em que o Profeta estivesse desacompanhado (p. 256).

Entre os textos citados e outros estudos que abordam a Arqueologia de Gênero, o antagonismo entre o conceito de mulher doméstica e mulher selvagem, estudos sobre a mulher e o casamento na Roma antiga, apontamentos sobre as relações de gêneros entre gregos e latinos, e a sexualidade e a compulsão profética nos oráculos Sibílicos, podemos concluir que todos os autores ressaltam a impossibilidade de definirmos as diversas nuances da figura feminina na antiguidade sob um único contexto. A an-

tiguidade abrangeu diversos séculos e a cada década aconteceram modificações nos contextos políticos, econômicos, sociais, e culturais, mudando, assim, também a participação feminina na sociedade. Mesmo conhecendo estudos que indicam que a honra masculina era materializada através da figura casta e honrada da mulher, não podemos resumir a amplitude da diversidade dos gêneros.

A divisão em artigos com abordagens e temas variados, cada qual escrito por um autor, torna a leitura dinâmica e interessante. O livro pode ser recomendado a todos pesquisadores e curiosos sobre o assunto, assim como para fins acadêmicos e pedagógicos. Através de diferentes pontos de vista e abordagens variadas, o leitor pode desenvolver diversos argumentos sobre o mesmo tema. A bibliografia citada ao final de cada capítulo também é interessante para aqueles que querem conhecer mais sobre a pesquisa dos autores ou sobre o assunto específico do texto.

